

ESTUDANTES COM TDAH E OS DESAFIOS PARA A PRÁTICA DOCENTE

Maraisa Nunes Rosa¹

Estela Aparecida Oliveira Vieira²

RESUMO: Esta pesquisa tem como principal objetivo identificar quais as maiores dificuldades dos professores para trabalhar com crianças com TDAH no ensino fundamental anos iniciais. Na pesquisa será utilizada metodologia de revisão sistemática com base em um protocolo de pesquisa mapeando as maiores dificuldades dos professores para trabalhar com estas crianças, as contribuições e as estratégias utilizadas por esses enquanto agentes facilitadores da aprendizagem. Geralmente, a proposta educacional da escola prevê um único tipo de desenvolvimento dos estudantes no processo pedagógico. Por não se adequarem ao padrão pedagógico convencional, é comum estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade reagirem com desatenção, inquietude e impulsividade, tornando-se inadequados. Resultados e Discussão: Como resultado da análise há de se considerar a importância da inclusão, boas práticas pedagógicas e da diversidade no âmbito escolar, com foco no acompanhamento e preparo adequado para com as crianças que venham possuir TDAH, uma vez que os estudos indicam que o maior número de crianças identificadas com este transtorno, no ambiente escolar, por parte dos professores, psicólogos e demais envolvidos no ensino educacional nas escolas. Considerações Finais: Enfim, é de suma importância que as escolas busquem a implementação da inclusão, para que possam colocar em prática estas formas de interatividade com os alunos, gerando assim maior atenção, preparo e acompanhamento por parte dos educadores, propiciando a escola uma maior contribuição aos pais não somente na educação do seu filho, mas também no seu desenvolvimento comportamental, e assim contribuindo significativamente no seu tratamento.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. TDAH. Desafios. Dificuldade de Ensino. Fundamental I.

STUDENTS WITH ADHD AND THE CHALLENGES FOR TEACHING PRACTICE

Abstract: This research has as main objective to identify which are the greatest difficulties of teachers to work with children with TDAH in elementary school. The research will use a systematic review methodology based on a research protocol mapping the greatest difficulties of teachers to work with these children, the contributions and the strategies used by them as agents that facilitate learning. Generally, the school's educational proposal provides for a single type of student development in the pedagogical process. As they do not conform to the conventional pedagogical standard, it is common for students with Attention Deficit / Hyperactivity Disorder to react with inattention, restlessness and impulsivity, becoming inadequate. Discussion results: as result of analysis there should be discussion of inclusion, good pedagogic practices and diversity

1 Graduanda – e-mail: maraisa.rosa@estudante.ufla.br

2 Orientadora – e-mail: estela.ap.o.vieira@gmail.com

in schooling. Focusing in following and adequate preparing for students with attention deficits disorder hyperactive children. Once the research show that a bigger number of students with this disorder, is in school ground. By the teachers and psychologists and others involved in educational system. Final considerations: it's clear that its utterly important that schools search for inclusion implementation, so that there may be practice these forms of interactivity with these students, creating more attention, preparing and follow up by these educators, creating a bigger contribution to parents not only towards their children's education, but also in their behavior development, therefore contributing meaningfully in their treatment.

Keywords: Pedagogical practice. TDAH. Challenges. Practice's elementary school difficulty 1. Abstract

1. INTRODUÇÃO

Estudos, como o de Reis e Camargos (2008), apontam uma relação entre comportamento inadequado de estudantes e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esse quadro se agrava, segundo os autores “ O despreparo dos docentes para lidar com os conflitos que surgem nas salas de aula” e completa que possivelmente isso se deve “a proposta educacional da escola” que na maioria das vezes não possui um projeto pedagógico que se adeque ao estudante com TDAH, “levando estes a reagirem negativamente, tornando-se inadequados” (REIS; CAMARGOS 2008, p. 90).

O Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade, de maneira geral, se caracteriza por sintomas de desatenção, impulsividade e hiperatividade. No entanto, seus sintomas variam de indivíduo para indivíduo e existem subtipos, o que leva cada estudante com o distúrbio a apresentar especificidades quanto ao comportamento e as dificuldades de aprendizagem. Existe um grande número de crianças com TDAH, a prevalência estimada varia entre 3% a 6% da população infantil e, podendo chegar a 26% conforme a avaliação utilizada. Zangrande, Costa e Aosani (2021, p. 25332), iniciam a conclusão de seus estudos com o seguinte questionamento: “O que há de errado com crianças alegres, barulhentas, questionadoras e cheias de energia?”. Este posicionamento das autoras faz eco junto aos aspectos da contemporaneidade, que ao mesmo tempo, que nos pede proatividade, celeridade e a negação ao ócio - mesmo que este seja produtivo -, também estigmatiza crianças que ultrapassem o limite socialmente colocado como ideal, rejeitando sua subjetividade.

Há também a necessidade por parte dos profissionais da área da Educação de uma maior apropriação da temática, para conhecerem as dificuldades relacionadas à atenção, hiperatividade e impulsividade, vivenciadas por alguns estudantes. Existem vários

posicionamentos, de um lado a colocação de que o problema está com a escola que é falha na estrutura ofertada, professores sem motivação e conteúdo sem atratividade. De outro se argumenta que é a falta de limites da família para com esses estudantes (REIS; CAMARGOS 2008, p. 90).

Segundo Prestes (2015, p.81), existe uma certa dificuldade por parte dos pais de aceitarem o distúrbio do filho, “preferem achar que são crianças espertas, ou simplesmente nãoaceitam o distúrbio do filho”. Normalmente é o professor que está em contato contínuo e direto com o estudante, que percebe as alterações de comportamento em relação aos demais e que comunica a família sobre a conduta da criança. É importante frisar que o professor faz uma análise pedagógica do estudante e não um diagnóstico clínico, informando assim a família das dificuldades de aprendizagem e comportamentais relacionadas ao espaço escolar. Nem sempre a notícia é bem recebida pela família, que muitas vezes se sente impotente diante da situação e não sabe lidar com a conduta da criança, necessitando buscar orientação especializada.

Cada estudante, tem uma forma particular de processar informações, sendo assim é necessário que o professor conheça seus estudantes para que possa, com a equipe da escola, desenvolver um trabalho eficaz.

Sanches (2008), explica

Aprender a trabalhar com a inclusão e mais atentamente para a inclusão de alunos com Déficit de Atenção e Hiperatividade, é um desafio para os docentes e para escola de modo geral, que necessitam criar meios para aprender a trabalhar nessa perspectiva. Assim, o professor, cuja função é ensinar, tem também a necessidade de aprender. A busca por novas metodologias e técnicas para ensinar tem levado muitos professores a diversificarem suas aulas, no intuito de atender a essa população, e também, melhorar o nível de aprendizagem da sala como um todo.
(SANCHES,2008,p. 04).

Ao observar que o estudante com TDAH tem dificuldade para estudar, mas possui potencial para aprender, a escola deve desenvolver estratégias pedagógicas para elevar sua autoestima, seu ensino, aprendizado, raciocínio, linguagem, memória e atenção. É necessário realizar algumas adaptações para aprendizagem dos estudantes com sinais de TDAH na sala de aula e na metodologia.

Com este olhar, o presente estudo se propôs a investigar quais as dificuldades apresentadas pelos professores que trabalham com crianças com TDAH no ensino fundamental.

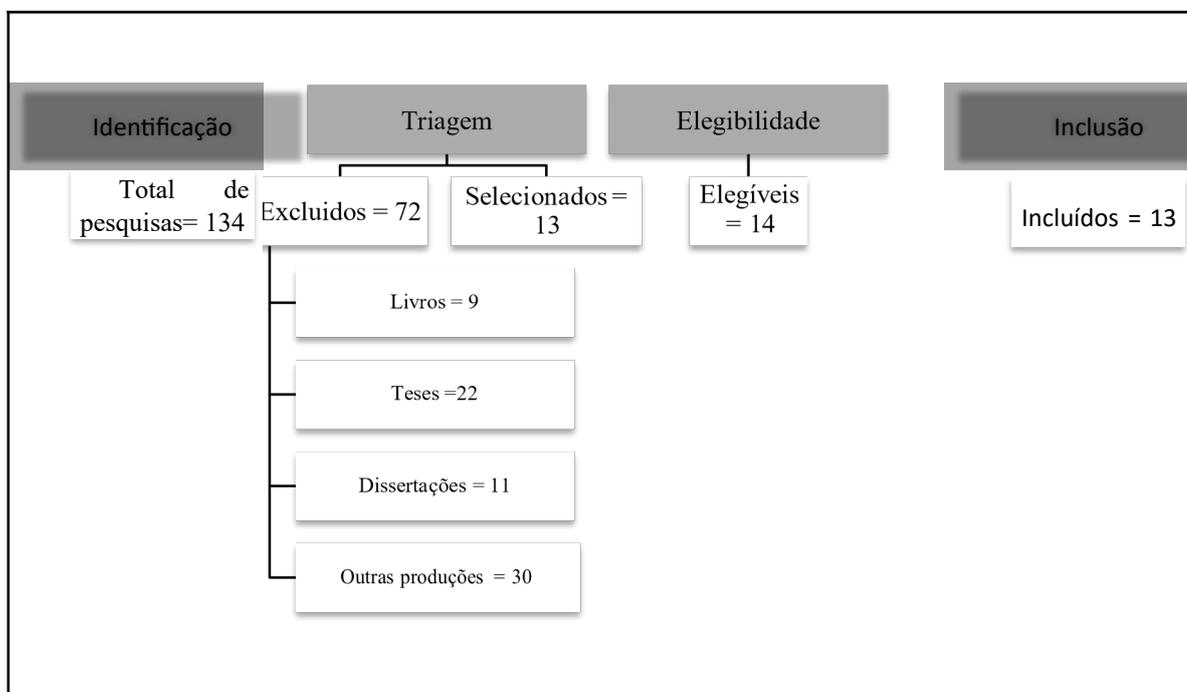
2. METODOLOGIA

Este estudo trata de uma revisão de literatura, elaborado com base em um protocolo de pesquisa (VIEIRA, 2021), que partiu da seguinte questão norteadora: quais as maiores dificuldades apresentadas pelos professores que trabalham com crianças com TDAH no ensino fundamental I?

A estratégia de busca foi fundamentada nos seguintes passos: a) fontes de busca: Google Acadêmico; b) idioma: português; c) descritores: (Práticas pedagógicas) AND (TDAH) AND

(fundamental I) AND (Desafios) AND (Dificuldade de ensino)); d) data de publicação: entre 2018 e 2020 e; e) material: artigos com os critérios estabelecidos inicialmente a busca foi realizada em agosto e setembro de 2020. Foram selecionados 134 trabalhos no Google Acadêmico a partir do tema, resumo e tipo de literatura. O critério de inclusão utilizado: artigos que tratavam sobre as boas práticas pedagógicas com estudantes diagnosticados com TDAH, no ensino fundamental 1. O critério de exclusão foi: trabalhos que não eram relacionados ao tema.

Figura 01 - Fluxo de seleção de artigos para a revisão sistemática



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Dos 134 trabalhos, 72 fugiam do tema principal, após a leitura dos 62 resultados encontrados, e sem contato entre os pesquisadores foram eliminados 49 resultados por corresponderem parcialmente à temática proposta, restando 13 resultados a serem analisados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi feita de maneira a abordar os objetivos, para isso, após a coleta de dados foi feita uma pré-análise dos artigos. Nesse primeiro contato, os artigos foram explorados de forma geral, com uma leitura superficial, foi possível se apropriar mais da forma como a temática era abordada possibilitando selecionar as categorias que mais se destacavam. Dessa forma foi possível reunir elementos com características que se aproximavam ou se distanciavam do tema, agregando-os em uma mesma categoria, assim foi criado seis tópicos de análises, sendo estes: inclusão, práticas pedagógicas, atendimento especializado, medicação, professor especializado e dificuldade de aprendizagem.

3.1 Inclusão

A partir as Diretrizes Curriculares De Educação Especial, (PARANÁ, 2006, p.17) “a definição de um grupo de sujeitos que, por inúmeras razões, não corresponde à expectativa de normalidade ditada pelos padrões sociais vigentes.” A educação inclusiva se trata de um processo educacional que garante recursos e serviços educacionais especializados para assegurar o desenvolvimento do educando.

Para (SELMER 2018), a discussão sobre o processo de inclusão de crianças e adolescentes no meio educacional e social é uma temática a ser discutida com maior ênfase. Pois este é um tema relativamente novo e as dificuldades presentes na aprendizagem de crianças e adolescentes com TDAH requerem meios alternativos por parte do grupo escolar para que essa aprendizagem seja efetiva, como mencionado nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Especial instituída pela Resolução nº02/2001, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

[...] A educação tem hoje, portanto um grande desafio: garantir o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos inclusive àqueles com necessidades educacionais especiais, particularmente alunos que apresentam altas habilidades, precocidade, superdotação; condutas típicas de síndromes/quadros psicológicos ou

psiquiátricos; portadores de deficiências, ou seja, alunos que apresentam significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrentes de fatores genéticos, inatos ou ambientais, de caráter temporário ou permanente e que, em interação dinâmica com fatores sócio ambientais, resultam em necessidades muito diferenciadas das maioria das pessoas (BRASIL, 2001, p.22).

Para Fernandes e Paula (2020), a inclusão escolar tem como objetivo assegurar que todos os estudantes com alguma deficiência e transtornos globais e/ou de desenvolvimento tenham acesso, a ser atendido em suas necessidades á escola de ensino regular e, acima de tudo, que os professores atuantesestejam aptos para atendê-los. Dessa forma, a educação inclusiva é aquela que dispõe de métodos de atendimento especializado, incluindo serviço de atendimento aos estudantes e professores, desde o ensino infantil aos anos finais, proporcionando espaços mais propícios para a aprendizagem dos estudantes.

Para Sousa Neta (2006), a inclusão exige uma transformação do ambiente escolar, estas precisam participar diretamente fornecendo para os estudantes com déficits e necessidades apoio necessário para sua formação e aprendizagem, pois a maioria das crianças com esse transtorno acabam sendo tratadas de uma forma preconceituosa por parte dos professores e coordenadores, por não estarem preparados e bem informados a respeito desse distúrbio.

É muito comum, no ambiente escolar, crianças com comportamentos destoantes serem rotulada como uma criança hiperativa, com problemas de humor e de aprendizado acabam também sendo ignorados, e com isso muitas crianças que sofrem com esse transtorno,acabam permanecendo sem ser diagnosticadas deixadas de lado e não recebendo nenhuma assistência e apoio necessário.

Dessa forma cabe às escolas se adaptarem às necessidades dos estudantes, ou seja, a inclusão acaba por exigir uma ruptura com o modelo tradicional de ensino. Atualmente as escolas divulgam inclusão apenas colocando as crianças com e sem dificuldades na mesma sala de aula, e não são as relações próximas que fazem alguém pertencer a um grupo, mas a maneira como essas são tratadas, a metodologia utilizada, para que haja um desenvolvimento escolar juntamente com os demais colegas. Portanto, colocar uma criança na sala de aula e depois rotulá-la como “diferente”, “TDAH”, ou qualquer outro rótulo é o contrário do que se espera numa sala inclusiva (SOUSA NETA, 2006).

Segundo as autoras, o estudante que é incluído na escola tem muita chance de progredir, praticando a inclusão, a interação do professor estimula o desenvolvimento dos

estudantes com deficiência, além disso a convivência com outros estudantes irá ajudá-lo em sua aprendizagem e a interagir com outros colegas (SOUSA NETA, 2006).

Portanto, para que haja inclusão é essencial um trabalho coletivo entre os professores regentes, o professor apoio, visto este quando é necessário, além da (o) pedagoga (o) junto da família e os profissionais da saúde que acompanham a criança, para que juntos o estudante possa conseguir uma melhor aprendizagem e sua autonomia. Dessa forma, os autores Sousa e Neta (2006) demonstram que a literatura apresenta a inclusão, mas que nem todas as escolas estão preparadas para receber esses estudantes.

De acordo com a Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Especial:

[...] O propósito exige ações práticas e viáveis, que tenham como fundamento uma política específica, em âmbito nacional, orientada para a inclusão dos serviços de educação especial na educação regular. Operacionalizar a inclusão escolar – de modo que todos os alunos, independentemente de classe, raça, gênero, sexo, características individuais ou necessidades educacionais especiais, possam aprender juntos em uma escola de qualidade – é o grande desafio a ser enfrentado, numa clara demonstração de respeito à diferença e compromisso com a promoção dos direitos humanos (BRASIL, 2001 p. 27).

A inclusão exige mais que integração, mais atenção à especificidade de cada estudante, ou seja, as necessidades e os interesses apresentados pelas crianças e pelos adolescentes com TDAH e a opinião da família em relação ao indivíduo incluído devem ser considerados. Além disso, é preciso desenvolver práticas pedagógicas capazes de atender as demandas desses sujeitos.

3.2 Práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas presentes no cotidiano escolar são essenciais para o processo de ensino e desenvolvimento da aprendizagem. Atividades lúdicas, dinâmicas, com regras claras e de curta duração, uso de diferentes recursos audiovisuais, considerar intervalos entre uma atividade e outra, uso de estímulos visuais para as crianças com TDAH assimilarem as rotinas mais facilmente.

Sendo um termo polissêmico e abrangente, no contexto escolar a prática pedagógica é compreendida:

[...] como uma prática social complexa, acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela

envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento. Nela estão imbricados, simultaneamente, elementos particulares e gerais. Os aspectos particulares dizem respeito: ao docente – sua experiência, sua corporeidade, sua formação, condições de trabalho e escolhas profissionais; aos demais profissionais da escola – suas experiências e formação e, também, suas ações segundo o posto profissional que ocupam; ao discente – sua idade, corporeidade e sua condição sociocultural; ao currículo; ao projeto político-pedagógico da escola; ao espaço escolar – suas condições materiais e organização; à comunidade em que a escola se insere e às condições locais (CALDEIRA; ZAIDAN, 2010, p. 21).

A avaliação também é parte importante desse processo ensino aprendizagem, para Cordeiro, Yaegashi e Oliveira (2018), a gestão das escolas tem um papel importante na escolha do instrumento de avaliação escolar que será utilizado. É importante utilizar intervenções pedagógicas apropriadas diferenciadas para estudantes com TDAH

Para Fernandes e Paula (2020), quando elas são lúdicas geram um ambiente dinâmico e interativo. O uso do lúdico é um aliado ao ensino no ambiente escolar este pode contribuir para o processo de aprendizagem dos estudantes com TDAH, pois ele proporciona a interação da criança com o ambiente em que vive.

Segundo Rocha et al. (2019), a escola precisa estar sempre em busca de novas metodologias para que as crianças com deficiência ou distúrbio/transtorno possam ter um bom desenvolvimento de aprendizagem. É importante considerar que o uso do computador e outros recursos multimídia são bastantes significativos na educação, principalmente dos sujeitos com necessidades especiais.

Costa (2006) diz que não podemos esquecer que um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento da inteligência. Dessa forma para trabalhar com crianças em sala de aula, é necessário manter uma comunicação clara e precisa, desenvolver uma relação positiva com o estudante, estabelecer locais de estudo com o mínimo de distração possível, manter uma rotina estruturada, utilizar intervenções para regular o comportamento, transformando para a sala de aula em um ambiente mais confortável para as crianças.

Para Selmer (2018), o uso do lúdico aliado ao ensino no ambiente escolar pode contribuir para o processo de aprendizagem dos estudantes com TDAH, pois ele proporciona a interação da criança com o ambiente em que vive. Assim sendo, é possível observar que a relevância que o lúdico apresenta no ensino, por meio de jogos e brincadeiras que podem ser muito significativos, diferente do ensino tradicional, o mais

empregado atualmente, momento em que a aprendizagem na maiorias vezes é mecânica.

Crianças que possuem o transtorno podem apresentar comportamentos diferentes dos outros, neste sentido é notável que o lúdico no processo de ensino/aprendizagem torna-se muito expressivo, uma vez que as crianças com esse tipo de transtorno apresentam grandes habilidades. Dessa forma, faz-se necessário que o professor passe a vivenciar mais essas transformações de forma a beneficiar, procurando ações, novas formas didáticas e metodológicas em que possam ser um instrumento no processo ensino aprendizagem.

3.3 Atendimento especializado

O TDAH é um transtorno ligado a uma disfunção na região pré-frontal do cérebro (ABDA 2018), portanto o profissional recomendado para fazer o diagnóstico, é o psiquiatra, após a criança receber o diagnóstico do TDAH, é preciso contar com o apoio de uma equipe multidisciplinar, composta por neurologista, pediatra, psicopedagogo e psicólogo.

A escola precisa ser informada desse tratamento por intermédio de relatórios médicos, por isso a importância de haver um contato efetivo dos profissionais envolvidos com a escola. Além disso é importante que pais e professores mantenham uma interação construtiva e que também recebam orientações sobre como lidar com a criança que apresenta o TDAH.

De acordo com Souza e Ernesto (2018):

[...] A psicopedagogia vem como uma facilitadora para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. O psicopedagogo fará uma intervenção ampla e direcionada ao desenvolvimento do paciente, criando estratégias com a família e a escola, para que juntos possam auxiliar e tornar o ensino-aprendizagem da criança mais prazeroso e satisfatório. Realizando um trabalho eficaz e com parcerias, a pessoa portadora do TDAH tem uma chance de ter uma vida mais rica e cheia de sucesso (SOUZA; ERNESTO, 2018, p. 103).

Referente a presença do psicopedagogo na escola, é de extrema importância, pois nesses casos ele orientará os professores e desenvolverá estratégias para diminuir a hiperatividade e melhorar a aprendizagem, aumentando a concentração, estimulando a autoestima dos estudantes e evitando o comprometimento dessa aprendizagem

Os autores Muszkat, Miranda e Rizutti (2011) concordam que a psicopedagogia tem muito a colaborar em relação a todo esse processo de aprendizagem e sua intervenção beneficia a todos os envolvidos. Já que utiliza várias técnicas para coletar dados cognitivos e também psicanalíticos. O psicopedagogo poderá utilizar métodos desde a fase do diagnóstico até a fase de intervenção educativa, sendo assim ele deve ser o elo principal entre a família, escola e os especialistas envolvidos durante o tratamento dos estudantes.

Cabe ao professor escolher atividades pedagógicas que estimulem o desenvolvimento e habilidades das crianças com TDAH, para que assim possam superar as dificuldades que o transtorno apresenta e desenvolvam habilidades socioafetivas e cognitivas (SANTOS; VASCONCELOS, 2010).

Assim o que se pode observar é que o campo de atuação da psicopedagogia é a aprendizagem e sua intervenção é preventiva e curativa, pois se dispõem a detectar problemas de aprendizagem e revê-los, além de preveni-los evitando que surjam novos, tendo como tarefa principal a possibilidade de solucionar com rapidez os efeitos mais graves do sintoma, para em seguida trabalhar os recursos cognitivos, ou mesmo paralelamente cognitivas (SANTOS; VASCONCELOS, 2010).

O processo de um acompanhamento especializado é essencial para esses estudantes, mas ainda não acontece da forma como deveria, é muito burocrático e na maioria das vezes de alto custo, o que dificulta muito para famílias de baixa renda e de escolas públicas conseguirem um atendimento especializado para esses estudantes.

3.4 Professor especializado

No âmbito escolar, o maior desafio encontra-se nos métodos e técnicas que auxiliem os professores em sua prática pedagógica diária, sendo que aluno com TDAH não é considerado no público-alvo do AEE, o que acarreta grande dificuldade e ausência de recursos legais específicos para o atendimento dessas crianças.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas" (SEESP/MEC, 2008). Tem como objetivo geral complementar ou suplementar a formação do estudante por meio da disponibilização de serviços e

recursos de acessibilidade estratégica que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento na sua aprendizagem.

O professor que atua no Atendimento Educacional Especializado (AEE) precisa ter formação específica na área de atuação, ou seja, o professor deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada. (BRASIL, 2008, p.4)

Neste atendimento, que deve ser em um horário contrário ao de estudo, realizado na Sala de Recursos Multifuncional, as necessidades e potencialidades do educando são trabalhadas, portanto, são consideradas as especificidades de cada aluno atendido.

Assim, o professor especializado, a partir do atendimento, poderá fazer considerações e sugestões em relação ao trabalho do professor regente de turma para que, em conjunto, sejam realizadas possíveis intervenções.

A Sala de Recursos Multifuncional é um espaço organizado com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos, com profissionais especializados para o atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais. Elas estão projetadas para oferecer suporte necessário ao atendimento daquele aluno específico. Além disso, busca favorecer seu acesso ao conhecimento.

Os princípios para organizar as salas de recursos multifuncionais partem da concepção de que a escolarização de todos os alunos com ou sem necessidade educacional especial será realizada em classe comum do ensino regular. O AEE poderá ser desenvolvido em outro espaço escolar. Dessa forma, atendimento não pode ser confundido como reforço escolar, com a mera repetição dos conteúdos feitos em sala de aula. Mas, deve constituir num conjunto de estratégias e procedimentos específicos que irão facilitar o processo de apropriação de conhecimentos.

Os professores das salas de recursos multifuncionais devem atuar como docentes nas atividades de complementação ou suplementação curricular específica que irá constituir na necessidade desse atendimento educacional especializado.

Associação Brasileira de Déficit de Atenção tem dicas e orientações que podem colaborar com a atuação dos profissionais da escola no cotidiano de estudantes com TDAH garantindo-lhes melhor rendimento escolar (ABDA, 2018).

Essas estratégias fazem parte de um programa de treinamento de manejo comportamental para professores e outros profissionais da área de educação, desenvolvido pela Equipe do Projeto Inclusão Sustentável (PROIS):

- Estabeleça combinados. Estes precisam ser claros e diretos. Lembre-se que ele se tornará mais seguro se souber o que se espera dele;
- Avalie diariamente com seu aluno o seu comportamento e desempenho estimulando a autoavaliação;
- Informe frequentemente os progressos alcançados por seu aluno, buscando estimular avanços ainda maiores;
- Dê ênfase a tudo o que é permitido e valorize cada ação dessa natureza;
- Ajude seu aluno a descobrir por si próprio as estratégias mais funcionais; • Estimule que seu aluno peça ajuda e dê auxílios apenas quando necessário (ABDA, 2018, p.28).

Segundo Moura e Silva pode-se concluir que ensinar um estudante com TDAH é difícil e requer paciência para que esse estudante possa reconhecer suas responsabilidades, como aluno.

[...] O professor deve ter um equilíbrio emocional, ser criativo, e conhecer com propriedade o transtorno do aluno, pois, assim, terá mais facilidade para obter a participação desses educandos em sala de aula. Cabe a escola propiciar aos alunos com Transtorno de *Déficit* de Atenção e Hiperatividade, aprendizagens significativas de acordo com suas potencialidades, procurando garantir a todos um ensino de qualidade e de forma inclusiva (MOURA; SILVA, 2019, p.6).

Portanto, a falta de atendimento educacional especializado para alunos com TDAH acaba dificultando ainda mais o processo de ensino e aprendizagem destes, já que não são contemplados como público-alvo. Além disso, os professores do ensino regular podem ter dificuldades para ensiná-los. Assim, é necessário que a escola crie estratégias para melhor atender as demandas desses alunos.

3.5 Medicação

Segundo Souza e Ernesto (2018), existem famílias e especialistas que preferem começar o tratamento de crianças com TDAH com terapias e atividades físicas, mas que isso é observado no decorrer do processo, e caso não tenham sido suficientes para a melhora da criança, faz-se necessário o uso de medicamentos.

Ainda Segundo Souza e Ernesto (2018) em seu artigo diz que não basta a medicação para que os estudantes tenham um bom rendimento escolar, mas que são de suma importância para um avanço mais efetivo, regulando sintomas de hiperatividade e desatenção.

Os especialistas Sampaio e Freitas (2014) comentam sobre o uso da medicação no tratamento da seguinte maneira:

É importante ter consciência de que o uso da medicação possivelmente não levará à cura do transtorno. Por outro lado, estimulará áreas cerebrais responsáveis pelo comportamento inibitório, melhorando os sintomas de hiperatividade/impulsividade, aumentando e regulando os neurotransmissores que estão deficitários nas regiões responsáveis pela regulação do comportamento no freio a estímulos e, conseqüentemente, trará a melhora na concentração e nas respostas adequadas a situações específicas (SAMPAIO; FREITAS, 2014, p. 144).

Segundo Selmer (2018), o uso da medicação a fim de controlar os sintomas promovidos pelo TDAH possui grande relevância no processo de aprendizagem. De acordo com Silva et al.

(2012, p.48), medicalização é “a atualização de um método clínico como produção de uma verdade médica sobre a doença”. Em transtornos de comportamento e personalidade, o método incide em encontrar a região do cérebro e o gene que é responsável pela causa do transtorno. O uso de medicamentos visa à estimulação do sistema nervoso central(SNC), com isso aumenta a disposição dos neurotransmissores. Em muitos casos por certa preocupação os pais tentam adiar ao máximo o uso dos medicamentos, e acabam recorrendo a outros meios de tratamento, tais como atividade física, ou terapias.

As autoras Fernandes e Paula (2020), afirmam que, para que o tratamento do estudante com TDAH aconteça de forma eficaz, além de uma abordagem interdisciplinar, o uso de medicações e terapia, faz-se necessário a adoção de formas e estratégias pedagógicas para melhorar o desenvolvimento desta criança, formulando caminhos que facilitem a absorção dos conteúdos.

Para Silva e Batista (2020), a medicalização do fracasso escolar foi uma saída para as instituições públicas justificarem o fracasso escolar dos estudantes e assim não terem a necessidade de enfrentar questões econômicas e sociais. Mas esse processo trouxe conseqüências negativas para muitas crianças que passaram a ser rotuladas como incapacitadas para a aprendizagem.

No caso do estudante apresentar dificuldade de concentração ou hiperatividade, esses comportamentos seriam considerados um sinal de doença e sua causa teria que ser procurada em alguma alteração localizada no cérebro.

Segundo Almeida (2019), observa-se na atualidade que o uso do medicamento cresceu surpreendentemente na maioria dos casos que são considerados patologias, tanto num contexto familiar e, sobretudo, no espaço educativo. Ultimamente, as prescrições

para o consumo de medicamentos psiquiátricos na infância têm sua prevalência. Compreendemos que as indicações para o uso do medicamento também estão relacionadas aos problemas escolares, o metilfenidato (Ritalina) é o medicamento mais consumido para controlar ao máximo os sintomas do TDAH e assim, “melhorar” a capacidade de atenção e concentração em uma determinada coisa ou situação, consideravelmente elevada.

Para Martinhago (2019) o ambiente escolar se caracteriza como fonte para a existência do TDAH, pois é passível de uma intervenção médica, uma vez que há uma medicação que possa ser prescrita para intervir nos comportamentos descritos:

à “escola , cuja proposta é ensinar e educar crianças, formar cidadãos, está atravessada por processos medicalizantes, por dispositivos científicos-disciplinares que a tornam vulnerável a intervenções montruosas. Acredita-se que a alta prevalência de TDAH não venha apenas dos encaminhamentos de escolas aos serviços de saúde, mas que estes, assim como a procura de profissionais de saúde por parte dos pais, sejam provenientes de um investimento significativo da indústria farmacêutica para ampliar o processo de medicalização” (MARTINHAGO, 2019, p.96).

Silva (2012) considera o medicamento como estratégia de intervenção positiva, que irá facilitar o aprendizado de comportamentos apropriados e aumentar a capacidade de concentração, criando uma “janela de oportunidade através da qual os pais e professores podem começar a ajudar a criança a desenvolver estratégias e hábitos para um aprendizado efetivo e autorregulação” (SILVA, 2012, p.7).

A literatura especializada em TDAH aponta dificuldade nos processos de acompanhamento pedagógicos, o que acaba por contribuir para que escola e família optem pelo tratamento farmacológico como forma mais eficazno tratamento deste transtorno, por diversas razões, seja por conveniência ou uma estratégia de autorregulação.

3.6 Dificuldades de aprendizado

A dificuldade de aprendizagem em crianças com TDAH é comum nas escolas devido suas dificuldades motora e mental serem inadequadas tornando-se excessiva. Segundo Selmer (2018), o TDAH costuma ser observado com mais facilidade durante o ensino fundamental evidenciado pela desatenção e hiperatividade, que fica mais notável e prejudicial. É muito comum nas instituições de ensino atuais a falta de recursos e instalações a estudantes com alguma dificuldade de aprendizagem especial, bem como é notável as condições precárias em que os profissionais dessa área exercem sua função,

pois muitas vezes enfrentam uma baixa remuneração, insignificância de seu trabalho e carência de uma formação continuada para atender estudantes com esse tipo de transtorno. Com a falta de informações de alguns profissionais, essas características acabam dificultando a aprendizagem desses estudantes, tornando o ambiente escolar algo desgastante, ruim e sujeito ao abandono.

Para Teixeira et al. (2018), as principais dificuldades de aprendizagem são associadas a algum comprometimento no funcionamento de certas áreas do cérebro. No entanto, não podemos dizer que resulta somente de causas biológicas, existem muitas condições que contribuem como, por exemplo, conflitos internos e familiares.

Fernandes e Paula (2020) descrevem que crianças que possuem o TDAH apresentam uma maior dificuldade quando se trata do ensino e aprendizagem, ficando mais sujeitas a serem encaminhadas para um trabalho com o pedagogo, ação disciplinar e serviço de saúde mental. Deste modo é preciso que todos no âmbito escolar conheçam os sintomas apresentados para que os diagnósticos sejam feitos o mais rápido possível. Fernandes e Paula (2020) ressaltam que

[...] existem professores que não possuem a informação acerca de laudos médicos anteriores do aluno, o que permitiria preparo do docente para recebê-lo, de maneira antecipada, o que é considerado de extrema importância, essa falta de informação pode trazer consequências negativas para o processo de ensino aprendizagem da criança, pois sem o conhecimento dos problemas cognitivos que seu aluno possui, o professor não conseguirá adequar suas aulas, sua metodologia, de acordo com a necessidade do aluno, o que o prejudicará. Vale ressaltar que a ausência de conhecimento acerca do laudo pode acarretar em uma rotulação do aluno, pode acabar sendo tratado como desobediente, inquieto, maldoso, entre outros, o que, na verdade é ocasionado pelo transtorno, sendo um de seus principais sintomas (FERNANDES; PAULA, 2020, p.10).

De acordo com Sousa Neta (2006), o estudante com dificuldade de aprendizagem é estigmatizado por ser considerado incapaz de aprender e por não pertencer ao grupo dos estudantes ditos normais. Além disso, estão representados socialmente pela diferença e pela exclusão, por causarem ameaça ou mal-estar ao seu grupo de pertencimento. Uma das formas de exclusão desses estudantes é a separação de classes especiais. Dessa forma, que estudantes diagnosticados com TDAH e com outras dificuldades de aprendizagem sofrem também com a coerção dos professores, não somente por terem um histórico de fracasso escolar, mas também por pertencer a uma categoria considerada diferente dos demais estudantes. Como a maioria dos professores são despreparados para ensinar essas

crianças, usam a coerção para controlar seus comportamentos, prejudicando o aprendizado.

Hoffman (2001), destaca que as questões referentes às dificuldades de aprendizagem não são responsabilidade direta das famílias, mas dos profissionais que atuam nas escolas. A criança com dificuldade de aprendizagem e comportamentos divergentes podem chegar a um fracasso escolar podendo causar aversão a sala de aula.

Analisando os dados das pesquisas apresentadas neste conteúdo, os estudos apresentados neste trabalho mostram que a grande maioria da defasagem nas instituições são por falta de despreparo dos professores, pois o professor tem a possibilidade de fazer que um estudante seja capaz de compreender o bem e o mau comportamento. Há de se considerar também a importância da inclusão, boas práticas pedagógicas e da diversidade no âmbito escolar, com foco no acompanhamento e preparo adequado para com as crianças que venham possuir TDAH, uma vez que os estudos indicam que o maior número de crianças identificadas com este transtorno, é dentro do ambiente escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo identificar quais as maiores dificuldades dos professores para trabalhar com crianças com (TDAH) no ensino fundamental anos iniciais. Tazendo maior ênfase nos tópicos: inclusão, práticas pedagógicas, atendimento especializado, medicação, professor especializado e dificuldade de aprendizagem.

A partir das pesquisas bibliográficas realizadas foi possível verificar que o índice de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) vem aumentando gradativamente nas escolas e nas famílias. As crianças com esses transtorno possuem aspectos diferentes das demais e apresentam algumas dificuldades, entre elas a de se relacionar com o próximo, indicando uma maior dificuldade comportamental, também apresentam dificuldade cognitiva, como por exemplo em casos que são exigidas uma maior atenção, neste ponto, elas demonstram claramente dificuldades ao processar informações, incluindo tarefas mentais como atenção, raciocínio e memória, o que acaba as prejudicando no âmbito escolar na aprendizagem, na relação com os colegas, assim como também no ambiente familiar e social.

Constatou-se que é no ambiente escolar que a maioria das vezes crianças são identificadas, com o quadro de TDAH e na maioria dos casos, o professor é o primeiro a

identificar que o aluno tem os sintomas. Não obstante, essa identificação não pode ser baseada apenas em atitudes e atos agitados. Por isso é necessário que os professores e os envolvidos no processo

de ensino-aprendizagem, busquem formas de adaptação e preparação, seja por meio de estudos teóricos, práticos ou técnicos, é importante que haja magnitude sobre esse tema, conhecendo quais as definições, os sintomas e os meios de enfrentamento do distúrbio.

Para isso é preciso meios de inclusão que ajudam a identificar possíveis crianças com TDAH e também acompanhar aquelas já identificadas, podendo ser usados métodos como jogos, dinâmicas de grupo, acessibilidade a manuseio de instrumentos de informática e aparelhos digitais, como computadores, tablets, etc.

A grande maioria das instituições públicas não estão preparadas para receberem estes alunos, sendo as maiores dificuldades dos professores trabalhar em cima do foco principal o qual o aluno não consegue prestar atenção nas explicações ou em demais diálogos devido aos barulhos que venham ocorrer na sala de aula e acabam por fazerem uso desnecessário ou excessivo de medicação por falta de apoio nas escolas, diálogo entre os familiares, ou até mesmo uma baixa renda familiar, visto que muitas vezes não se consegue o tratamento necessário na rede pública.

Os resultados obtidos apontam que é de suma importância que as escolas busquem a implementação da inclusão, para que possam colocar em prática estas formas de interatividade com os alunos, gerando assim maior atenção, preparo e acompanhamento por parte dos educadores, propiciando a escola uma maior contribuição aos pais não somente na educação do seu filho, mas também no seu desenvolvimento comportamental e assim contribuindo significativamente no seu tratamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDA, Associação Brasileira do *Déficit* de Atenção. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais: O QUE É TDAH**. 2018. Disponível em: <<https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 1. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação - MEC. Brasília. 83 p. 2001.

BRASIL. Resolução nº 2 CNE/CEB. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Criada e 11 de setembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Especial. 2001.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, 2008.

CALDEIRA, Anna MS; ZAIDAN, Samira. Prática pedagógica. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: GESTRADO/FaE/UFMG, v. 1, p. 21, 2010.

COSTA, D. A. F. **Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial.** Rev. psicopedag., São Paulo, v. 23, n. 72, p. 232-240, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 abr. 2021.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

JESUS, M.S. de. **A Sala de Recursos Multifuncionais e o Atendimento Educacional Especializado.** Disponível em:<<http://www.petpedagogia.ufba.br/sala-de-recursos-multifuncionais-e-o-atendimento-educacional-especializado>>. Acesso em: 01 nov 2020

MUSZKAT M, MIRANDA MC, RIZUTTI S. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade.** São Paulo: Cortez; 2011.

PRESTES. Irene Carmen Picone. **Fundamentos teóricos e metodológicos da inclusão.** 1ª ed. Curitiba: IESDE BRASIL, 130 p. 2015.

REIS, M. das G. F.; CAMARGO, D. M. P. de. **Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH.** *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.), Campinas, v. 12, n. 1, p. 89-100, junho 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROCHA, T. C. et al. **Práticas Pedagógicas que ajudam no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** Publicado: Revista Conhecimento em Destaque, 2019. Disponível em: <<http://ead.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/view/172>>. Acesso em 29 abr. 21.

SAMPAIO, S.; FREITAS, I. B. (Orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais.** 2. ed. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Wak, 2014.

SANCHES, V. L. **O processo de inclusão/exclusão do aluno com TDA/H na escola pública.** PDE, Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/558-4.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2021.

SILVA, A. C. P. da et al. **A explosão do consumo de Ritalina.** Revista de Psicologia da UNESP, v. 11, n. 2, p. 44-57, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127245>>. Acesso em 30 abr. 2021.

VIEIRA, E. A. O. Revisão sistemática. *In*: MARTINS, Ronei Ximenes (org.). **Metodologia de pesquisa**: orientações com ênfase na área de educação. Lavras: UFLA, 2021.

ZANGRANDE, Helen Junara Balbinotti; COSTA, Aline Bogoni; AOSANI, Tânia Regina. **Infância tarja preta: sentidos da medicalização atribuídos por crianças diagnosticadas com TDAH**. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 25317-25336, 2021.

REFERÊNCIAS DA REVISÃO

ALMEIDA, P. V. de. **TDAH – entre a superficialidade dos “diagnósticos” e a complexa avaliação do transtorno**. Publicado em Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2019. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/11133>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CORDEIRO, S. M. N.; YAEGASHI, S. F. R.; OLIVEIRA, L. V. de. **Representações sociais sobre TDAH e medicalização**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1011–1027. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10883>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FERNANDES, I.; PAULA, L. K. de. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade na escola**. *Monumenta - Revista Científica Multidisciplinar*, v. 1, n. 1, p. 154-163, 25 jun. 2020. Disponível em: <<https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/18>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MARTINHAGO, F. **TDAH em crianças e adolescentes: estudo com professores em uma escola pública do sul do Brasil**. Publicado em v. 11 n. 30 (2019): *Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes*. Disponível em: <<http://orcid.org/0000-0002-2929-7739>>. Acesso em: 21 abr. 2021

MOURA, L. T; SILVA, K.P.M. **O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula**. Publicado: *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (22), e216. Volume Suplementar 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e216.2019>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROCHA, T. C. et al. **Práticas Pedagógicas que ajudam no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. Publicado: *Revista Conhecimento em Destaque*, 2019. Disponível em: <<http://ead.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/view/172>>. Acesso em 29 abr. 21.

SANTOS, L.F; VASCONCELOS, L.A. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em Crianças: Uma Revisão Interdisciplinar**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 26 n. 4, pp. 717-724. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n4/15.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SELMER, K. **O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e os desafios no contexto escolar: O lúdico como principal contribuinte.** Publicado: Repositório de Outras Coleções Abertas (ROCA)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/10349>>. Acesso em: 29 abr.21.

SILVA, I. P. D. da, BATISTA, C. G. **Crianças agitadas/desatentas.** Publicado em: Proposições, Campinas, SP, v. 31, p. e20170184, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8660668>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SOUSA NETA, S. B. de A. **Os efeitos do diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade (TDAH) no Ambiente Escolar.** Publicado: CEUB Educação Superior, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2990/2/9961216>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SOUZA, A. C. de; ERNESTO, A. **A Psicopedagogia como suporte na avaliação eficaz do aluno com Tdah.** Episteme Transversalis, [S.l.], v. 8, n. 2, abr. ISSN 2236- 2649. 2018. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/874>>. Acesso em: 28 abr. 2021

TEIXEIRA, A. D. V. et al. **Aluno identificado com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)/Problemas de aprendizagem que não rende o esperado, em escolapública do município de Manaus.** Publicado: Faculdades IDAAM. Disponível em: <<http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/336>>. Acesso em: 27 abr. 2021